

AUTORITARISMO MADE IN BRAZIL: O MONSTRO EM TOD@S NÓS

Esta edição da revista do NESEF é resultado de intensos debates no âmbito acadêmico sobre um fantasma que assombra a história republicana brasileira: a constante ameaça de instalação de modos autoritários de governo. Mais do que um cacoete falsamente associado a uma imaturidade das instituições ou a um primitivismo da democracia em nosso país (uma ideia defendida por muitos autores que estudam tais questões, mas que guarda em seu interior uma visão preconceituosa de um povo incapaz de buscar sua própria autonomia), o conjunto de textos que compõe este dossiê aponta que tal comportamento hostil de uma parcela de nossa população às regras democráticas pode apresentar raízes histórico-sociais, mas também psicológicas, construindo um círculo vicioso no qual os maneirismos e condicionamentos psicológicos constroem e são simultaneamente construídos pelas condições sociais objetivas, que no Brasil são marcadas pelos signos da desigualdade como modo de vida.

Dois pilares teóricos perpassam todos os artigos deste número: os estudos de Theodor Adorno sobre a constituição das personalidades autoritárias - com a detecção, por parte do pensador alemão, da existência de um conjunto de traços de personalidade que, submetidos a determinados estímulos, levariam indivíduos e grupos de diferentes espectros políticos e coordenadas sociais a abraçarem discursos e práticas fascistas - e as análises de Marilena Chaui, professora emérita da USP e uma de nossas maiores intelectuais, sobre os modos de violência presentes de alto a baixo nas relações sociais brasileiras, em todas as classes, etnias ou gêneros, como elementos constitutivos da sociabilidade nacional. Sob o véu mítico do povo acolhedor e sem conflitos, escondem-se preconceitos, agressividade, rancor, hostilidade e ódio ao diferente. E, nos últimos anos, tais males não existem mais de forma tão escondida assim.

Abre o dossiê o esclarecedor texto da própria filósofa intitulado *Fascismo à brasileira e totalitarismo neoliberal* – uma análise instigante sobre semelhanças entre duas linhas de pensamento da extrema direita nacional: o Integralismo e o bolsonarismo, este último pensado por

Chauí como um amálgama entre certos elementos do primeiro e a radicalização do neoliberalismo como um novo modo de totalitarismo, que encontra sua expressão na tomada do espaço público pelo interesse particular não apenas do mercado (ente onisciente que é a ontologização deste interesse de poucos sem rosto), mas também de grupos, *rackets* ou até milícias. Da análise histórica de Plínio Salgado e Miguel Reale até uma aguda observação de como o Brasil bolsoguedista se mostrou campo fértil para as práticas neoliberais, como um modo de vida na qual a guerra de todos contra todos é o estímulo da socialização, Chauí busca marcar também as diferenças e pontos de contato entre os fenômenos históricos totalitários do século XX e do atual período no Brasil.

No comentário ao texto de Chauí, o professor Benito Eduardo Maeso (USP/UFPR) busca se debruçar sobre outra característica do bolsonarismo como *ethos* (ou *pathos*) coletivo: seu descolamento da realidade fática. Para isso, com base não apenas em Chauí e Adorno, mas também no conceito de Besteira conforme colocado por Deleuze e Guattari, o foco de análise é o comportamento tragicômico e negacionista daqueles que enxerga(va)m no capitão Messias o salvador contra a deterioração dos costumes e a degeneração da sociedade. Contra o tipo psicológico denominado por Adorno como *Alucinado*, a solução seria investir no chamado contradiscurso chauiniano?

O texto da professora Isabela Simões Bueno (FESP/PR) resgata outra dimensão importante do autoritarismo nacional: em *Ainda sobre Nós e os Outros*, a autora tensiona tal par conceitual buscando desnudar as relações sociais que, para alguns, legitimam o autoritarismo e a violência. Aqui, Adorno e Chauí são articulados com o pensamento de Achille Mbembe e de Grada Kilomba para um olhar sobre a herança colonial e escravocrata existente na construção da sociedade brasileira, cindida entre o *ingroup* e o *outgroup*, entre casa-grande e senzala, desde sua implantação.

Uma aproximação entre a personalidade autoritária adorniana e a personalidade do empreendedor, característica do neoliberalismo, como *ethos* no qual as fronteiras entre privado e público se dissipam, é o foco de André Bakker da Silveira (UFPR) em “Se nós não tomar cuidado, até a palavra trabalho pode deixar de existir”, frase do entregador Galo de Luta que dá título ao texto. Se uma das facetas do neoliberalismo é a construção de subjetividades voltadas ao sucesso individual, muitas vezes caracterizadas pela afirmação do empreendedorismo como meio para este fim, é possível buscar pontos de contato entre o tipo autoritário adorniano e o sujeito neoliberal empreendedor, como apresentado por Pierre Dardot e Christian Laval.

Já Fernanda Torrentes Gomes (UFSC), em *Racionalidade instrumental: a subjetividade neoliberal como resposta à violência institucionalizada*, expande a análise de Adorno e Chauí, além de outras autoras e autores, em direção à compreensão da racionalidade instrumental como uma ferramenta usada para justificar a violência direcionada aos chamados *outgroups* nas sociedades ocidentais modernas, mas especificamente no contexto neoliberal brasileiro. Com isso, é possível observar a existência

de uma lógica *de* exclusão e *na* exclusão dos grupos chamados minoritários dentro do contexto social, como as populações excluídas economicamente, em vulnerabilidade ou pobreza, as mulheres, pessoas pretas e pardas, pessoas LGBTQIAP+, imigrantes, PcDs, etc. Se a razão e o reconhecimento da racionalidade/subjetividade somente são concedidos de acordo com os fins que se desejam atingir, tal resposta da subjetividade neoliberal não seria emancipatória, mas profundamente alienante sob uma capa de reconhecimento das individualidades.

Em *Notas sobre Whiteman: o indivíduo autoritário no traço de Robert Crumb*, Felipe Serafim Vieira (UFPR) realiza um interessante experimento a respeito da temática da personalidade autoritária, por meio da aproximação entre os postulados de Adorno e a obra do cartunista norte-americano Robert Crumb. A história de Whiteman, um típico homem branco de classe média do pós-guerra nos EUA, demonstra vários dos aspectos teorizados por Adorno sobre a questão da formação danificada do indivíduo no capitalismo tardio, como o significado de sociedade falsa, a dinâmica existente e interdependente entre necessidade e satisfação, bem como a formação e propagação do preconceito nas ações e pensamentos dos indivíduos.

Matheus Scartezini Pedrini (UFPR), em *Servidão da Violência: ensaio sobre o verde-amarelismo e a personalidade autoritária*, busca articular cinco movimentos relacionados ao conceito de servidão voluntária explorado por La Boétie e Chauí. Partindo de uma leitura a contrapelo do conto “*Aqueles que se afastam de Omelas*”, da autora Ursula K. Le Guin, Pedrini traz a ideia da servidão voluntária a um diálogo com os conceitos adornianos e com a história do autoritarismo social no Brasil por Chauí, concluindo com a denúncia do presente autoritário que busca de todas as formas perpetuar-se.

Encerrando este número, Pedro Henrique Rodrigues (PUC-PR) explora uma dimensão crucial para a propagação do pensamento autoritário nos tempos atuais – e, notadamente, na dinâmica de fomento do autoritarismo no Brasil: a ascensão descontrolada da Sociedade da Informação. Em *Sobre informação e autoritarismo: o início de uma jornada através do abismo*, o autor articula as análises de Adorno sobre Indústria Cultural e Personalidade Autoritária com as definições chauinianas sobre ideologia, trazendo à baila, também, *insights* teóricos de Manuel Castells, Byung-Chul Han e Paulo Arantes, buscando analisar em que nível a sociedade em rede colaborou para a ascensão do autoritarismo e seus desdobramentos.

Esperamos que a leitura desta edição da Revista do NESEF seja proveitosa a tod@s @s pesquisador@s que se interessam sobre o tema, visto que, ainda que o projeto (explicitamente) autoritário tenha sido oficialmente derrotado nas urnas no último 30 de outubro e que, ao menos formalmente, a democracia brasileira tenha sobrevivido a um duríssimo teste de corrosão interna, as análises reunidas aqui mostram que os alertas de Adorno e Chauí continuam atuais: a propensão ao autoritarismo não deve nunca ser negligenciada, pois se manifesta

e reside tanto nos indivíduos como nos alicerces estruturais de uma sociedade. Na sociedade brasileira, perfeita para o neoliberalismo mais radical, onde o público e o privado se misturam e se indistinguem, uma sociedade desigual, violenta e saudosa de um passado que nunca ocorreu, este perigo se mostra com muitos rostos e está sempre à espreita.

@s Editor@s